CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA FORMAÇÃO-DE-PALAVRAS NA LINGUAGEM POPULAR CEARENSE

Florival Seraine

A distinção na realidade unitária da linguagem de *sistema, norma* e *fala*, que visa a superar a imperfeita dicotomia saussureana, poderia servir de base a um estudo do tema, em face daqueles conceitos, rigorosamente elaborados por E. Coseriu (1). Não o tentamos aqui.

No curso dêste trabalho, em que se distinguem os acentos sincrônicos, são referidas translações de sentido; os exemplos citados, escolhidos, não raro, pelo seu cunho regional, muitas vêzes assinalam *figuras* ou *hipóstases*. As formações se acham ligadas a manifestações afetivas, em certos casos, cabendo notar as que acusam intenção burlesca ou irônica. São fatos que ainda não deixaram por completo os domínios da *linguagem*, tomada essa expressão no sentido que lhe atribuem Charles Bally e Saussure. (1-A).

O uso dos têrmos que apresentamos, se algumas vêzes é de caráter generalizado entre o povo, mais ou menos culto, na conversação normal, outras vêzes é particularizado a determinada situação; tem sentido pejorativo ou chulo; fica restrito a agrupamentos sociais colocados em nível cultural mais baixo. Aliás, é bem difícil estabelecer, no Ceará, os limites entre a linguagem popular, semiculta, e a inculta, plebéia, a qual se distingue, não raro, apenas pela corrução fonética dos vocábulos.

Há têrmos de formação originàriamente rural, mas cujo uso se estendeu ao meio urbano, especialmente a suas camadas populares.

---

1) — V. E. Coseriu — "Sistema, Norma y Habla" — Montevideo, 1952.

1A) — A propósito da *lingua* e *linguagem* v. "El lenguaje y la vida" — Charles Bally — págs. 127 e segs. e págs. 155 e segs. (Versão espanhola de Amado Alonso). V. também "Cours de Linguistique Générale" — Ferdinand de Saussure — págs. 23 e segs. Paris, 1925.

Fixar o caráter familiar de uma expressão também se acha sujeito a contestação, em certos casos, pois os têrmos de origem no meio familiar acabam às vêzes por alcançar a linguagem popular corrente, sem que se possa precisar a extensão e os limites dessa penetração.

Começaremos pelos casos de *derivação própria.*

SUFIXAÇÃO NOMINAL

Suf. *ação* ou *ção* — suf. vernáculo substantival, exprime ato de: *roubação* (derivado de *roubar* — a pronúncia geral entre a plebe, única camada social que usa o têrmo, é *ròbação*); *mangação* (de mangar — motejar, zombar, caçoar). Êste é de uso popular corrente.

Suf. *aço* — exprime efeito ou produzido por: *trompaço* (pancada com a *tromba* (alterado em *trompa,* para a sufixação) — empurrão, esbarro; bofetada, extensivamente); *balaço* (tiro de bala). Uso popular corrente. Em tais casos corresponde ao sufixo vernáculo *ázio,* bem assim em *copaço* (copo grande), em que o sufixo exprime aumento. Têrmo tamb.m da linguagem popular corrente.

Citamos ainda *polmaço,* de emprêgo mais restrito aos sertanejos, que significa grandes nevoeiros; derivado de *polme* ou *polmo.*

Interessante . a formação popular *canalhaço, canaiaço* entre os mais incultos (de *canalha,* gente vil; coletivo depreciativo ou pejorativo).

Suf. *açu* (indígena) — Usado burlescamente na expressão popular *paideguaçu,* com intenção hiperbólica: muito *paidégua,* têrmo êste que já significa ótimo, excelente, admirável, no linguajar do povo cearense, e é às vêzes usado interjectivamente.

Suf. *ada* — exprime porção, quantidade, em: *dorzada* (derivado de dôr; corrompido na linguagem popular em *dôzada;* observa-se a intercalação do infixo eufônico z); *buchada* (de *bucho,* prostituta reles — coletivo depreciativo). Têrmo chulo, da gíria da cidade. A esta pertence também a expressão *mamãezada,* em que o sufixo exprime próprio de (provàvelmente o têrmo é derivado metafórico de *mamãe,* pois tem as as acepções de condescendência, mostra de querer agradar). Uso pop. cor., com acento irônico.

Outros exemplos de homoptotas: *garrafada* (além de pancada com *garrafa,* significa beberagem de curandeiro, vendida como remédio — uso geral no primeiro caso, e popular plebeu, no segundo); *quengada* (o têrmo apresenta dois significados, duas procedências: súcia de meretrizes — de *quenga;* tolice, cabeçada — de *quengo.* Uso popular, plebeu); *vezada* (vez; os escritores portuguêses e espanhóis fizeram uso de *vegada,* significando vez); *viajada* (viagem, impulso, etc. usado em locuções como *de uma viajada, dessa viajada*). Os dois últimos vocábulos são de uso plebeu, rústico, popular.

É bastante fecundo êste sufixo vernáculo formador de substantivos, e variada a sua ação expressiva, mas nos dois casos acima citados pode

ser julgado expletivo, pois nada acrescenta ao sentido da palavra primitiva.

São derivados de verbos as expressões *vaqueijada* (reunião festiva dos vaqueiros de uma "ribeira" para fazer a "apartação" dos gados misturados — têrmo de uso principal e originàriamente rural, sertanejo) e *ficada* (carambola difícil que o jogador de bilhar deixa para o seu parceiro; por extensão, parada difícil que defronta o indivíduo em outros jogos, como *foot-ball*, jogos de baralho, etc. Têrmo do linguajar citadino).

Suf. *ado* — muito produtivo, ocorre, não raro, em adjetivos e substantivos oriundos de supinos de verbos. Exs.: *capado* (suino de engorda — uso pop., rústico); *espasmado* (aquêle que teve meningite em pequeno, cretino — uso popular, não muito freqüente); *milhado* (diz-se de equino forte, nutrido, devido às rações de milho que come. Uso rural, sertanejo, principalmente); *lascado*, a (adjetivo que transmite as idéias de veemência, intensidade, amplitude, viveza. Uso popular corrente, citadino); *azalado* (sem sorte, infortunado — corrupção de *azarado*, comum na linguagem popular); *frechado* (caipora, sem sorte — uso plebeu, citadino). Citem-se ainda: *inteirado* (perfeito, valoroso, física ou moralmente. Uso popular, plebeu, com a pronúncia *intèrádu*); *escolado* (velhaco, esperto, ladino, esperimentado. Uso popular citadino, meio jocoso). Interessante é o caso de *bribado*, da gíria urbana, que significa embriagado. A palavra primitiva é *briba*, corrução popular, muito freqüente de víbora. "Mordido de víbora" translaticiamente, da mesma forma que "mordido de calango" já registado com idêntica acepção por Firmino Costa em seu "Vocabulário Analógico" (S. Paulo, s/data — Cia. Melhoramentos — pág. 37).

Suf. *agem* (age) — exprime ato ou efeito de: *semodagem* (travessura, irrequietude; derivado de *sem modos*. Usado na linguagem familiar, principalmente); *barbeiragem* (imperícia de *chauffeur* e, por extensão, em certas situações, qualquer imperícia. Linguagem popular corrente, meio jocosa ou irônica. Pronúncia mais freqüente: *barbèráge*); *mandusagem* (feitiçaria, algo misterioso destinado a infundir medo. Uso popular e rústico, mais freqüente nas camadas rurais. Procede certamente de *mandu*, têrmo de origem tupi que, segundo Teodoro Sampaio, designa uma espécie de fantasma, com a figura de um feixe de fôlhas, ou molho de palhas, e uma ave pequena, também chamada *mandu-tolo* ("O Tupi na Geografia Nacional"); *ranzinzagem* (estado de pessoa *ranzinza*, isto é birrenta, mal-humorada, impertinente. Uso popular cor.) *resinagem* (ação de pessoa *resina*, isto é, sovina, avarenta. Têrmo pop. citadino, irônico ou jocoso); *pabulagem* (de pábulo) — gabolice; vanglória, jactância. Uso pop. cor. *Formigagem* (de formiga) — sensação anormal de picada e repuxamento na pele. Uso pop. de acento plebeu. *Plantage* (de planta) — plantação; é têrmo usado em certas zonas rurais (alt. de plantagem).

Citamos ainda *mareage* (de maré) que, na fala popular, às vêzes é usado, sem nada quase acrescentar o sufixo ao sentido da palavra primitiva.

A propósito da pronúncia geral do sufixo (*age*), lembramos que desnasalações tipo *page* por *pagem* ocorrem no português antigo, em obras como o "Cancioneiro Geral" e "Menina e Moça", entre outras (V. edições Livr. Clássica Editôra — Lisboa, 1942 — págs. 46 e 84, respectivamente).

Suf. al — coletivo. *Cabrual* (de *cabra*: mestiço de mulato com negra e vice-versa; cangaceiro. Linguagem plebéia, rústica; às vêzes com sentido depreciativo); *canelal* (têrmo da gíria citadina. Usado sempre depreciativamente ou pejorativamente. Significa agrupamento de gente da ralé, surgindo já hoje como apôdo lançado a qualquer indivíduo que é considerado plebeu. Derivado de *canela* — muitas canelas reunidas, ou em movimento, o que é característico da plebe, do populacho). Exprime relativo a, na forma popular inculta *sumanal*, derivado de *somana, sumana*. Ex.: *dia sumanal*. *Somana* é considerada forma obsoleta e ocorre muito entre os incultos, no Ceará, aliás, pronunciada *sumana*.

Citamos ainda *costal* (carga de cangalha), que provém de *costa*, o mesmo que lombo. Ambos são têrmos usados mormente na linguagem rústica, dos sertanejos.

Suf. *ama* — exprime coleção, como no caso de *vaqueirama* (derivado de *vaqueiro*). Linguagem sertaneja, rural. *Ourama* ou *oirama*: tudo o que são adereços e ornatos de ouro. Uso rural.

Suf. *ame* — *torreame* (o sufixo exprime aumento, crescimento, coleção, mas aqui *torre* é empregado em sentido figurado. *Torreame* significa grossas núvens acasteladas. Uso rústico, sertanejo, principalmente. Ainda em *carname* — carne espêssa e gorda; formas roliças e anchas como as que apresentam as pessoas roliças. Uso pop. não extenso.

Suf. *ana* — exprime talvez procedência no caso de *russiana* (antigas botas de couro dito da Rússia. Linguagem rural, sertaneja, caindo em desuso).

Suf. *ança* — exprime feito de, em *figança* (comida de fígado), têrmo da linguagem plebéia, rústica.

Suf. *ância* (ança) — exprime ação demorada, em *embirrança* (teima, aversão, implicância), derivado do verbo *embirrar* e de uso popular corrente.

Suf. *anga* — Na palavra *pendanga*, de uso rural, o mesmo que *pendenga*.

Suf. *ano* — exprime condição, origem, em *praciano* (de praça — cidade) — o que é da cidade, em contraposição ao *matuto*, que vive no campo. Uso predominantemente rural. Ainda em *vaquiano* — relativo a gado vacum; vaqueiro. Uso rural, pouco extenso.

Suf. *ão* — aumentativos: *homão* (homenzarrão); *mulherzão* (mu-

lherão); *chapéuzão* (de chapéu); *casão* (casarão); *copão* (copázio). Todos êsses são têrmos da linguagem rústica, plebéia e infantil.

Casos interessantes são os seguintes, em que se reflete apenas valor de *afetividade*, não se modificando no sentido pròpriamente dimensional o conteúdo semântico da palavra primitiva: *sòlzão* (de sol); *vidão* (vida boa; existência regalada e fácil; *marzão* (pronúncia popular *mazão;* derivado de mar); *mundão* (de mundo); *tempão* (de tempo); *gentão* (gente de posição social elevada, influente); *alegrão* (alegria efusiva, cheia de expansividade); *festão* (festa revestida de grande brilhantismo, de repercussão social ou popular); *povão* (multidão enorme, incomputável); *lugarão* (lugar muito bom no sentido de emprêgo, colocação).

A intenção do falante, no caso dêsses substantivos, é patentear as suas impressões de intensidade, excelência, expansividade, ligadas a sentimentos de vária espécie.

Em adjetivos: *grandão* (muito grande); *pidão* (dedinchão). *choutão* (cavalo que anda sempre a chouto, trote miúdo e incômodo); *poupão* (diz-se do boi que, no carro ou na bolandeira, se esquiva, se *poupa* ao trabalho); *espião* (diz-se do cachorro ou gato que, de olhos súplicss, assiste às refeições); *podrão* (péssimo; vem de *podre*, que na gíria popular às vêzes corresponde a mau, sem caráter). Dêstes apenas o primeiro é generalizado entre a plebe e familiar; os outros são originários da linguagem rural.

É muito produtivo o sufixo *ão*. São freqüentes os *pejorativos*, isto é, nomes que encerram uma idéia de desprêzo ou de ironia, formados com terminações dos aumentativos, e também dos diminutivos (2).

Exprime ato ou ação de, no vocábulo *intropicão* (o mesmo que tropeção. O verbo plebeu *intropicar* é corrução de tropeçar).

Digno de nota é ainda o caso de *alvação*, com o feminino *alvaçã* (diz-se do gado ou rês branca, sem manchas — nas zonas sertanejas, rurais; entretanto, apresenta acepção ampla, de uso não muito extenso, referindo-se a quase branco, esbranquiçado, não só entre o povo, os incultos e semicultos, como entre os cultos, que empregam o têrmo, não raro, em tom burlesco ou irônico).

Trata-se, no caso, de formação sufixal do gênero de *alvacento*, em que a consonância *c* é uma letra adventícia ou infixo eufônico, inserido para evitar o hiato.

Suf. *aria* — expressa porção, quantidade. Exs.: *risadaria* (excesso de risadas), do uso popular corrente; significa qualidade em *mixaria* (insignificância, ninharia; derivado de *miche* ou *mixe* — têrmo do Sul

2) — Sôbre a combinação de efeitos quantitativos e afetivos, v. "Introduccion a la Lexicografia Moderna" — Madrid, 1950 — Júlio Casares — págs. 120 — 121. V. também as interessantes observações de Rodrigues Lapa, aplicadas à língua portuguêsa, em "Estilística da Língua Portuguêsa" — Lisboa, 1945 — págs. 110 a 116.

— ruim, sem préstimo ("Apostillas" — Teschauer). Romaguera Corrêa acha que *mixe* é derivado do guarani *mychê*: pequeno, pouco ("Vocabulário Sulriograndense", pág. 132). Jaques Raimundo considera *mixe* possível africanismo. Na gíria dos ladrões *micha* é nota falsa.

Suf. *dade* — exprime qualidade, atributo. Exs.: — *bestidade* (de bêsta — sinônimo de tolo; presunçoso); *rigoridade* (o mesmo que *rigor*, porém, não é pròpriamente expletivo o sufixo, pois, denota efeito ex-possível africanismo. Na gíria dos ladrões *micha* é nota falsa.

Suf. *dório* — *cafèdório* (de café). Difícil precisar a nuance de sentido que assinala o emprêgo do sufixo. Parece-nos que quase nada acrescenta ao sentido normal do têrmo, talvez discreta projeção afetiva, inetnção levemente irônica ou burlesca.

Suf. *dura* — exprime ação ou efeito, incorporado ao radical de verbos — *pisadura* (de pisar); *trilhadura* (de trilhar, verbo antigo).

São expressões de largo uso popular, mais acentuado nas camadas rurais.

Citem-se ainda *rendidura* (de *render*, em sent. fig.); *quebradura* (de quebrar, em sent. fig.) — hérnia inguinal ou inguino — escrotal. Uso pop. cor.

Suf. *eio* — uma palavra derivada, a apontar, é *bloqueio*, que parece provir de *bloco*, e significa quota, reunião de várias somas. Linguagem familiar e popular, não muito freqüente.

Suf. *eiro, eira* (*êro, êra*) — exprime ofício, profissão, em: *carreteiro* (o que trabalha em carretos); *cachimbeira* (parteira, geralmente analfabeta que atende à gente da plebe, e vive a fumar *cachimbo*); *comboieiro* (indivíduo que faz parte de comboio de animais); *catraieiro* (procede de *catraia*, têrmo que não se usa, no sentido em referência, no Ceará; a palavra derivada significa tripulante de barco ou bote, no pôrto de Fortaleza); *vareiro* (aquêle que derruba da carnaubeira com uma *vara*, as fôlhas de que se recolhe o pó destinado ao fabrico da cêra); *cacimbeiro* (indivíduo que puxa água das *cacimbas* para matar à sêde ao gado, nas fazendas). Os dois primeiros vocábulos são de uso geral, os últimos pertencem à linguagem rural. Citem-se ainda *proeiro* (tripulante da jangada, que vigia a *proa*); *mundrungueiro* (feiticeiro — derivado de *mundrunga*, vocábulo que parece africano. Os léxicos não o referem. Alguma relação com *mandinga* e *mandingueiro*?. Os têrmos não são correntes e, sim restritos ao uso de determinada camada popular.

Lugar de origem: *piauízeiro* (o mesmo que piauíense — "gentílico escarninho aplicado aos piauìenses" — segundo refere Leonardo Mota); *pajeuzeira* (espécie de faca; deve provir de *Pajeú* das Flôres, na Paraíba; por extensão, faca de ponta). Expressões de uso popular, rústico e plebeu. Citamos ainda: *beiradeiro* (*bèradêru*), que significa matuto; morador em sítios próximos, ou nas *beiras* ou *beiradas* das cidades. A expressão corre mais em certa camada popular, com ligação

à vida rural. Exprime estado: *leseira* (derivado de *leso*, sinônimo de idiota, mole, sem ânimo. O substantivo significa ainda: torpor, adinamia, grande prostração, na linguagem popular e familiar). Indica atributo em *linheiro* (sinônimo de vertical, esguio; diz-se, ordinàriamente, de referência a pau; a palavra primitiva deve ser *linha*). Têrmo de uso popular corrente, mas de acento rural. *Saideira* é expressão semi-burlesca que se usa no meio citadino, para indicar o último cálice, a última garrafa de bebida, para se *sair* logo depois.

Exprime estado em *roedeira* (de *roer* com a acepção de invejar; sofrer ou denotar raiva, despeito com o triunfo ou prosperidade alheios). Têrmo de uso comum, tendo sido, a princípio, mais freqüente na gíria citadina. Exprime porção, coletividade, em *taipeiro* (de taipa), formação popular, rústica, plebéia, que designa prato muito cheio de várias comidas. Derivação metafórica um tanto complicada e só explicável encarando-se as mentalidades rústicas, de que procede. Citem-se ainda *chuvueiro* (muita chuva); *folheiro* (deriv. de fôlha); *povoeiro* (gente em excesso: muita gente: muito povo). Têrmos da linguagem popular, plebéia. Exprime condição, qualidade, em tom ligeiramente depreciativo, em *rueiro* (de rua)—diz-se da pessoa que não pára em casa ou costuma andar pelas ruas sem estar ocupada. Uso pop. cor. Exprime qualidade, atributo, em *fronteiro* (diz-se do boi que possui u'a mancha branca na testa, a qual se estende até as ventas; o mesmo que *fronte-aberta;* têrmo de uso sertanejo, rural); *biqueiro* (diz-se do indivíduo que come pouco, fastioso; linguagem popular corrente, mas com acento, e talvez origem, familiar); *seleiro* (de sela) — diz-se dos animais afeitos à sela, ao trabalho; *cangueiro* (curvado a um pêso; preguiçoso; indolente - de *canga;* uso rural); *serieiro* ou *sirieiro* (aplica-se o têrmo, na serra de Ibiapaba, ao animal que, no momento de ser selado, se mostra coceguento, esquivando-se a receber a sela; deriva, por certo, da formação aglutinada *sirrir* (se rir), freqüente nas camadas populares. Também dizem *sirrieiro*. Ainda em *macheiro* (macho cujos filhos são em maior número do sexo masculino). Exprime préstimo, serventia, em *baladeira;* arma de arremêsso com que brincam os meninos, o mesmo que *atiradeira, estilingue, setra, botoque, funda, schloida,* como é chamada em diferentes regiões do país. Observa-se, no caso a inserção de um *d* entre o sufixo e a palavra primitiva *bala* — "tôdo o corpo a que se deu artificialmente a forma esférica e que serve para arremessar" (Morais). O têrmo é de uso generalizado. Ainda em *cuscuzeira* — espécie de panela de barro, de forma apropriada, em que se cozinha o cuscuz. Uso pop. cor. Um caso interessante é o de *carnaúbeira,* árvore regional (*Copernicia Cerifera*), em que o sufixo nada acrescenta à idéia expressa na palavra fundamental, pois *carnaúba* em tupi já significa árvore que arranha (3).

3) — Sôbre casos de tal ordem se detém Wartburg, o qual faz lembrar que "o povo sente a palavra como incompleta e a completa "e que" quando se apresenta êste emprêgo de um sufixo costuma-se

Com os sufixos *eiro, eira,* nota-se que se prestam bastante a receber sentido depreciativo ou burlesco. É um sufixo assaz produtivo. Na linguagem rústica surge ordinàriamente em lugar do sufixo *edo,* usado só pelos cultos, em casos como *lageiro* (lage grande); *mosqueiro* (abundância de moscas); *balseiro* (moita que deslisa na correnteza).

Suf. *ença* — exprime ação em *mantença* (manutenção); *sabença* (sapiência e sabedoria). Formas evitadas pelos cultos.

Nascença é muito usado pelo povo na locução de *nascença,* correspondente a *de nascimento,* o mesmo que congênito. A queda da semivogal nos ditongos *io, ia,* finais, ocorre muito nas camadas populares, como no português antigo: *pendença, reverença* servem de exemplo. Por outro lado, há os casos de *ultracorreção,* que merecem registro: *licência* (licença); *sentência* (sentença). *Valença* deriva de valer, que entre o povo, significa, no caso, livrar, salvar, amparar, dar proteção, socôrro.

Suf. *enga* — *estrovenga* (de *estrovo*?). Exprime depreciação, no comum dos casos. Já se acham registadas as acepções de: coisa complicada; qualquer coisa que não se possa precisamente definir. Têrmo de uso popular corrente, um tanto burlesco ou irônico. Ainda em *pendenga,* que também se diz *pendanga* — desavença; discussão; discordância; bate-bôca. Provável alteração de *pendência,* mas com certo matiz expressivo de reflexo fonológico, como em tantos outros casos de sufixação popular, aqui mencionados.

Suf. *ente* — na locução no *contenente* (de conter) — logo, imediatamente. Uso plebeu.

Suf. *ento* — exprime intensidade: *birrento* (derivado de birra, o mesmo que teimoso, zangado); *cosquento* (de còsca, corrupção de cócegas; o mesmo que coceguento); *ganjento* (tido como africanismo; significa radiante, vaidoso, presumido — procede de *ganja*). Os três são vocábulo adgetivo, da linguagem popular corrente; mesmo o segundo, apesar do metaplasmo, é o que se ouve na conversação ordinária. Designa cheio de ou portador de, em *sapiranguento* (de *sapiranga* — blefarite, afecção ocultar.). Uso plebeu.

Suf. *eta* — *intiqueta* (ação de *inticar* — implicar, provocar, puxar questão; verbo já constante do Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, como brasileiro. Surgiu, decerto, por influência do parônimo *etiqueta*).

Suf. *ête* — Em *repiquete* (de *repique* — repicar) — sêca sem conseqüências calamitosas, exprime diminuição, embora com matizes semânticos peculiares, na acepção metafórica. Linguagem popular de origem rural. Ainda em *bodete* — bode novo, com o ultra-diminutivo *bodetezinho.*

---

falar de *sufixos seriadores*". (V. "Problemas y Métodos de la Lingüística" — Madrid, 1951 — págs. 142 — 145 (trad. de Dámaso Alonso).

Suf. *éte* — exprime um tanto ou meio, em *fusquéte* (de fusco). Malaret cita o sufixo em diminutivos e depreciativos nos países americanos de fala espanhola ("Semântica Americana", pág. 13), mas é êle desconhecido em nosso idioma. O têrmo citado pertence à gíria atual de Fortaleza. Significa perturbado, mas não de todo, por efeito de bebida alcoólica e, mais raro, pela cólera ou raiva forte. Talvez por influência do suf. francês *ette*.

Suf. *eza* — exprime qualidade em *brabeza* (de brabo, sinônimo de irritado, enraivecido e também, de selvagem, inculto, indomesticado, feroz; na linguagem popular, rústica); *drumenteza* (o mesmo que dormência, moleza, preguiça, inércia, estagnação; provàvelmente derivado do adjetivo dormente, *drumente*, na linguagem incultíssima, rústica, plebéia). Como se vê, o sufixo concorre para a formação de substantivos, derivados de adjetivos.

Suf. *ia* — exprime qualidade, ação, em *galizia*, têrmo de uso popular corrente, às vêzes com sentido chulo, mas, em geral, a significar novidade, embaraço, presunção, dificuldade. Citamos ainda *enxurria*, na locução de *enxurria*, de emprêgo mais freqüente no meio rural, plebeu, e que equivale a de *enxurrada*, de *enxurro*, não raro, com sentido depreciativo.

Suf. *ica* — (diminutivo) — usado no têrmo *piscica*, rural, praieiro (Acaraú); significa peixe pequeno. Registe-se aqui o aproveitamento da raiz latina. Já ouvimos também com idêntico sentido: *pisciquinha*: acúmulo de diminutivos.

Suf. *ice* — exprime ação, em sentido um tanto depreciativo, e corrompido em *iça* nas formas plebéias e rurais *machaveliça* (machiavelice maquiavelice) — astúcia, manha, perfídia; e *bebediça* (bebedice) — vício de beber; o mesmo que bebedeira. Ação, ainda, em *senvergonhice* (de sem-vergonha, expressão que tem as acepções comuns de cínico, destituído de amor-próprio e, às vêzes, modificada pela entonação afetiva, é usada em sentido admirativo ou lisonjeiro. Têrmo da linguagem popular corrente).

Suf. *inho*, a — (diminutivo — afetivo). No advérbio *agorinha* — neste instante, agora mesmo, a intenção afetiva se manifesta como refôrço, acentuação expressiva. Sufixo altamente produtivo, não só como diminutivo, mas dentro do caráter semântico em que o assinalamos.

Suf. *into*, a — corrução plebéia, rural, do suf. vernáculo *ento*, na palavra *alvarinto* (um tanto alvo, alvacento), referida geralmente a pessoa, em tom levemente irônico ou burlesco. Observa-se, ainda, a letra eufônica que precede, no vocábulo, ao sufixo.

Suf. *isco* — exprime dmiinuição, mas tocada, às vêzes, de certa tonalidade afetiva, na palavra *namorisco*, que não expressa exatamente o mesmo que *namorico*, embora a acepção dos dois têrmos seja, não raro, semelhante — galanteio por distração, namôro por pouco tempo. Há o verbo *namoriscar*, já procedente do substantivo. Registe-se, ainda,

com o mesmo sufixo, o têrmo *danisco* (danado; zangado; habilidoso; jeitoso; arrojado), em que a alteração fonética de *danado* ocorre por intenção eufêmica. Os exemplos citados são expressões populares correntes, usadas também pelos cultos.

Suf. *ismo* — indica próprio de; condição; estado. Exs.: *caradurismo* (derivado de *caradura*), que significa cinismo, falta de vergonha, etc. Têrmo popular, podendo ser usado pelos cultos. É fecundo o suf. *ismo*.

Já ouvimos, entre soldados, *caxiismo*, derivado de Caxias, a figura máxima da História militar brasileira, os quais usam o têrmo, um tanto depreciativamente no sentido de militar exagerado no cumprimento do dever. Êste recebe, não raro, o apelido irônico ou depreciativo de *caxias*.

Suf. *ista* — exprime atributo, qualidade, em *bossista* (de *bossa* em sent. fig.) — indivíduo cheio de lábias; *caçoista* — pilhérico, zombeteiro (de *caçoar*).

Suf. *isto* — *calisto* (diminutivo de cális — cálice, que os incultos dizem geralmente *cáli*). Têrmo popular, usado por incultos e semicultos, especialmente.

Suf. *ite* — *sebite* — (*caga-sebo* — *caga-sebite*, pequeno pássaro da família *Tyrannidae* — o mesmo que *caga-sebinho*). Uso popular corrente.

Suf. *ito*, a — diminutivo. Usado esporàdicamente. O comum é *inho, inha* (*im, in-a*). Ex.: *cabrito*, a — qualificativo aplicado afetivamente às crianças, além do nome de animal que geralmente designa.

Suf. *mento* — Exprime ação em *saimento* (de *sair*, figuradamente) — atrevimento, desfaçatez. Sinônimos de *adiantamento*.

Suf. *mirim* — Usado em geral burlescamente para significar pequeno, menor, secundário. Também às vêzes adquire intenção depreciativa ou pejorativa. Exs.: *Academia-mirim*, *chefe-mirim*, etc. Origem tupi.

Suf. *ó* — Indica nuances afetivas difíceis de precisar, mas não simples efeito diminutivo. Ex.: *bicó* (sem rabo, ou de rabo cortado), *cotó* (acepção idêntica), *caxingó* (coxo, capenga), *coxó* (coxo, capenga).

Suf. *oca* — *pomboca*, *boboca*, sentido pejorativo ou depreciativo. Ação afetiva em *vidoca* (de vida) — boa vida; vida sem trabalho e sem cuidados.

Sufs. *oça* e *ofa* — exprimem ação de, nas palavras *mangoça* e *mangofa* de acento plebeu, que procedem do verbo *mangar* e significam zombaria, troça, com um vago matiz de brevidade, ligeireza.

Suf. *ocha* — exprime diminuição ou semelhança, com um matiz, às vêzes, pejorativo, outras vêzes afetivo ou carinhoso, na expressão *cabrocha* — rapariga mestiça escura, quase negra; indivíduo ainda novo da casta dos *cabras*. Uso popular corrente.

Suf. *ota* — Exprime diminuição em *varjota* (pequena vargem); se coloca na parte posterior da sela ou cangalha.

Suf. *óide* — exprime semelhante a ou do tipo de, em tom jocoso ou depreciativo, nos vocábulos *molóide* (de mole), *negróide* (de negro), etc. Uso pop. cor., mais freqüente entre semicultos e cultos.

Suf. *or* — exprime serventia: *chiqueirador* (tira de couro torcido (rêlho) amarrada na ponta de um cacete, para servir de chicote. Linguagem popular corrente); *cozinhador* (panela onde se cozinham os alimentos, na jangada — linguagem praieira). Exprime ofício, profissão: *ganhador* (carregador, carreteiro; linguagem popular corrente); *cozinhador, descabeçador, batedor, juntador* (operários na indústria rural da cêra de carnaúba). Exprime ação em *queimor* (de queima) — sensação de ardor no estômago; pirose; azia. Uso pop. cor. Exprime atributo em *inludidor* (de *inludir* — *iludir;* o mesmo que *ilusor*); *roubador* (de roubar). Ambos os têrmos pertencem à linguagem popular de uso entre incultos e rústicos. Os adjetivos em *or* (ô) fazem muito o feminino em *eira* (êra). Exs.: — *inludidor* — *inludideira*; *namorador* — *namoradeira*. O primeiro é de uso apenas entre os incultos, mas o último é generalizado. Em *grandor* (presunção, ostentação, mania de grandeza) há nuance afetiva, irônica ou recriminatória.

Suf. *ório* — Exprime ação em *adjutório* (ajuda), têrmo de uso especialmente rural e plebeu, às vêzes usado pelos cultos em tom irônico ou jocoso. Em palavras de uso vulgar, com matizes afetivos, que vão desde o tom levemente burlesco ou irônico ao depreciativo, ao pejorativo. Às vêzes pouco ou quase nada acrescenta à acepção da palavra primitiva ou correspondente na linguagem normal. Exs.: *cafedório* (de café); *casório* (casamento). Exprime porção em *foguetório* (de foguete), etc. Uso popular corrente.

Suf. *oso, osa* — sufixo adjetival muito produtivo. Exprime um tanto em *amareloso* (de amarelo), o mesmo que pálido, anemiado. Malaret regista na América Central, Antilhas, Chile e México *amarilloso*, considerando-o formado por anlogia com *verdoso* ("Dicionário de Americanismos" — 2a. ed.). Exprime cheio de em *catingoso* (fedorento, que exala mau cheiro). Usado também na Bolívia ("Dic. de Amer.", cit., 3a. ed.). Deriva de *catinga*, vocábulo considerado de origem afro-negra. Ainda em *seboso* (de *sebo*) — sujo, porcalhão, *opinioso* (de *opinião*), teimoso, aferrado à sua opinião; *enfaroso* (de enfaro), enjoado, pretensioso. Os têrmos citados são da linguagem popular corrente. O feminino *osa* é usado na gíria da malandragem, para exprimir cheio de ou coberto de, na expressão *penosa*, que corresponde a galinha (*de pena*). Têrmo êste que já invadiu o campo da linguagem popular.

Suf. *ouro* (ôro) — exprime lugar. Geralmente é transformado em *or* (ô) pelo povo. Exs.: *tombador* (terrenos altos e ordinàriamente pedregosos); *peador* (peadouro) — lugar onde há pastagem e são peadas as alimárias. Uso rural, sertanejo.

Suf. *ota* — Exprime diminuição em *varjota* (pequena vargem); *bolota* (de bola) — pequena excrescência arredondada; *meiota* (medi-

da de capacidade para líquidos); *maciota* (de macio) na locução *na maciota*: devagar; brandamente.

Suf. *ote* — exprime diminuição em *brochote* (de *cabrocha*, ocorrendo ao mesmo tempo que a sufixação, aférese, queda da primeira sílaba). Têrmo de uso popular, plebeu, um tanto jocoso, em que, além do sentido diminutivo, se percebe alusão ao tipo físico: baixo, grosso, atarracado. Outros exemplos: *boiote* (vacum castrado ainda novilhote ou garrote); *novilhote* (dimin. de novilho); *bacorote* (porco de dois a quatro meses). Expressões de uso rural, sertanejo. *Frangote*, com o feminino *frangota*, além de diminutivo de *frango*, o filho da galinha já crescido, mas antes de ser galo, é empregado, em sentido figurado, jocosa ou irônicamente, para designar rapazote, rapariga ainda nova. Aliás, a forma sufixal *ota* surge, eventualmente, no meio rural ou plebeu no feminino de todos os nomes em *ote* aqui apresentados. *Papelotes* são pedaços de papel em que se enrola o cabelo para o encrespar ou frisar. Uso familiar ou doméstico, generalizado. *Cabeçote* é expressão de uso acentuadamente rural, que corresponde à parte saliente vertical de cada uma das duas forquilhas que compõem a cangalha; parte dianteira superior da sela.

Suf. *rana* — indica semelhança, parecido a. De origem tupi. Exemplos: *canarana* (vegetal parecido com a cana, da família das Gramíneas, de que se registam várias espécies), *brancarana* (mestiça bem clara, parecendo branca). Ambas são palavras de uso geral, contudo, a segunda é hoje pouco comum no Ceará. Citem-se ainda os nomes de vegetais: *imburana* (*imbu* falso — *Bursera leptophloeos* Engl., da fam. da *Burseráceas*), *ingarana* (*Pithecolobium trapezifolium* Benth, da fam. das Leguminosas Mimosóideas — *ingá* falso ou semelhante ao *ingá*), *cajarana* (*Spondias cytherea* Sonn.) Todos êsses vocábulos são de circulação freqüente.

Suf. *tinga* — usado em palavras chulas ou apodos, eventualmente; da gíria de Fortaleza. O sufixo, embora em língua tupí signifique branco, nada acrescenta objetivamente nesses casos ao sentido dos vocábulos, sendo aplicado sem intenção qualificativa. Conhecem-se, entanto, o *urubu-tinga* (abutre — *Cathartes urubutinga* Pelz), o peixe *carapitinga*, da família *Eucinostomidae*, o vegetal *sucatinga* ou *sacatinga*, da família das Rosáceas, cujos nomes ainda circulam, em especial nos meios rurais, e que se formaram integralmente dentro do idioma tupi, sem nenhum caráter híbrido.

Suf. *uço* — exprime cheio de, Ex.: *pinguço* (de *pinga*-cachaça). *Cafuçu*, derivado de cafús, cafuso, é um africanismo em que a desinência exprime coletividade, abundância (coletivo depreciativo). Muito usado entre o povo, especialmente semicultos.

Suf. *udo*, a — sufixo adjetival, exprime excesso, cheio de, mas nos casos que se seguem transmite, em acepção translata nos meios popu-

lares, sentido, intenção pejorativa ou depreciativa. Ei-los: *chifrudo* (marido a quem a espôsa é infiel); *lãzudo* (diz-se do indivíduo sujo, seboso, lorpa; lábrego); *bicudo* (diz-se do indivíduo que apresenta os lábios pontudos, "em bico"); *buchudo, a* (barrigudo, a; no feminino, com a acepção de grávida); *umbigudo, a* (de umbigo); *cabeçudo* (teimoso, renitente). *Cabeçuda* é o nome de uma personagem do Reisado rural, no município de Acaraú. Usado ainda depreciativamente, na expressão *cabaçuda* (donzela; mulher que não perdeu a virgindade ou *cabaço*, entre o povo). O masculino *cabaçudo*, referente a jovem que não conhece sexualmente as mulheres, é também usado no Ceará, porém em menor escala que o feminino. Já nas expressões *topetudo* (de topete) — valente; que não foge à desafio e *talentudo* (de talento) — vigoroso fisicamente, expressões de uso predominantemente rural, se observa sentido ou intenção apreciativa ou mesmo lisonjeira. *Cascudo* é nome de peixes de água doce e de certos coleópteros. *Rabudo* (de rabo) é o nome vulgar de um rato silvestre provido de longo rabo. *Bicuda* é denominação plebéia e rural de faca de ponta afiada e de variado tamanho, bem assim de um peixe do mar da fam. *Sphyraenidae*. *Bicudo* é também nome de pássaros da fam. *Fringillidae*.

Suf. *ume* — exprime qualidade e ação em *teçume* (de tecer; o mesmo que tecedura). Uso predominantemente rural ou sertanejo.

Suf. *ura* — exprime ação, efeito, em *soltura* (de soltar) — diarréia, disenteria; repetidas dejeções num mesmo dia. Uso plebeu e geral. Cite-se ainda *gastura* (sensação desagradável por ver ou ouvir alguma cousa insuportável). Caso interessante é o de *embiricica*, derivado do têrmo indígena *embira*, e que significa enfiada. Expressão da linguagem popular corrente.

Lembramos aqui os casos, em que o povo aplica a sufixação sôbre temas, que — de acôrdo com as regras gramaticais — devem ser usados sob a forma latina para efeito de derivação. Ex.: *segundário* (secundário); *antiguissimo* (antiquíssimo); *advogacia* (advocacia).

A propósito dos diminutivos, em vocábulos como *pequeno*, verifica-se que para intensificar o efeito há acumulação ou repetição de sufixos, nas linguagens familiar e popular. Ex.: *pequenininho, pequetitinho* e *pechititinho*. Fenômeno idêntico é registável com certas palavras no italiano e no espanhol (4).

SUFIXAÇÃO VERBAL

As formações regionais populares, que conseguimos destacar, quase tôdas trazem a desinência *ar*: — *torar* (de tora) — significa cortar; *respostar* (de resposta) — forma nunca usada atualmente pelos cultos,

4) — V. Wartburg — op. cit. — págs. 126 e 127, especialmente a nota 93, em que cita exemplos no espanhol e no italiano.

que a substituem por responder; *bestar* e *eguar* (de bêsta e égua, respectivamente) — entre outros, possuem os significados de andar a êsmo, perder tempo a perambular; *rebolar* (de *rebôlo*) — muito usado nas acepções de atirar fora, jogar, lançar; *fofar* (de *fôfo*) — tornar-se fôfo, ficar fôfo; *pedrar* (de pedra) — diz-se de uma adenite, de um abcesso, que pedrou; *frechar* (de frecha — flecha) voar como uma flecha, isto é, dirigir-se velozmente. Com excepção de *bestar*, nos demais verbos citados são abertas as vogais pretônicas. Outros exemplos: *babujar* (de babugem) — sujar de baba ou comida; *maldar* (fazer mau juizo); *coisar* (de coisa) — registado no "Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa" com as acepções de refletir, imaginar, ocorrentes entre nós, além de outras, que surgem às vêzes com as situações ou circunstâncias elocutivas, como mexer, bulir, revolver; *pacholar* (de pachola — pedante, cheio de si) — ter ou afetar maneiras de pachola. Uso plebeu e rural.

Verbos mais comuns nas zonas rurais: *bonecar* (de *boneca*: a espiga de milho ainda muito verde); *cambitar* (de *cambito*: armação em que os animais carregam cana); *adjutorar* (de *adjutório*: auxílio — forma obsoleta); *passarinhar* (de passarinho) — espantar-se o cavalo. *Triscar* parece-nos derivado de *tris*, que os léxicos registam com a acepção de *um quase nada;* significa roçar, atritar levemente; ou, no particípio pasado, com o sentido de ligeiramente embriagado. Verbo da linguagem popular corrente, usado mesmo pelos cultos.

Terminações em *ear* (iar): *campear* (de campo) — correr a cavalo no campo à procura de animais; *pontear* (de ponta-chifre) — dar chifradas; *cabear* (de *cabo* — rabo da rês) — segurar o rabo da rês que lhe corre à frente, para derrubá-la; *negacear* (de negaça) — enganar; esquivar-se; engodar; *bagear* (de bagem — bage) — criar ou rebentar vagens (diz-se de vegetais); *prosear* (de *prosa*) — palestrar, conversar ao acaso; *lapear* (de lapo) — em sentido figurado, correr, devorar sôfregamente, e também andar a pé; *falsear* (de falso) — pisar em falso; *fracatear* (de fraco) — o mesmo que fraquear ou fraquejar — alguma influência de fracassar?; *relampear* (de relâmpago, corrompido em *relampo* (5)) — o mesmo que relampejar ou relampaguear. Um caso idêntico é o da formação popular, parassintética, *acocar-se*, exercida sôbre a palavra primitiva corrompida (de *cóca*, corr. de cócoras). Dêstes verbos *campear, cabear, pontear e bagear* são mais usados na linguagem rural; *falsear, negociar, prosear* e *lapear* são da linguagem popular corrente e vão mesmo às camadas cultas; quanto aos outros, pertencem ao linguajar rústico, da plebe.

A terminação verbal passa de *ear* ou *iar* a *ar*: *pastorar* (além do

5) — A forma é registrada por dicionaristas, a exemplo de Cândido de Figueiredo, que a surpreendeu na obra de Castilho — "Georgicas", 101.

sentido próprio, relativo a gado, tem as acepções de vigiar alguém, estar à espera de alguém). Aliás, esta é forma expressional antiga, de que, entre outros, fêz uso Bernardim Ribeiro ("Menina e Moça" — ed. Liv. Clássica — Editôra — pág. 68). Citamos ainda *historar*: "entonce, *históre* o fato" ("Prosa Vadia"... — Leonardo Mota — pág. 31). Ambos os verbos são do linguajar plebeu, especialmente o último. As terminações *ar* e *ear* (iar) são fecundas. Seria um não-acabar a citação de tôdas as formas verbais com essas desinências, nos meios populares.

Passagem de *er* (ecer) a *ar* se observa no verbo *endoidar* — de uso plebeu; de *ir* a *er* no verbo *aver*, usado na linguagem popular corrente em lugar de *avir*, aliás uma confusão léxica.

Não esqueceremos os casos de sufixação portuguêsa em vocábulos indígenas e africanos. São, em geral, casos de sufixação *verbal*, mas também os há *nominal*. Exemplos, de origem indígena: ***bubuiar, capinar,*** *tinguijar* ou *entiguijar, cutucar, guabiruar, muquiar, papocar, pitar, sapecar, socar, tocaiar, saçangar*. Apenas o último têrmo tem o seu uso restrito aos pescadorse e jangadeiros; os demais são da linguagem popular corrente, alguns de acento plebeu ou rústico, todos já registados nos léxicos. Verbos apontados como de origem africana: *babatar, banzar, cachimbar, cochilar, jingar, maxixar, sambar, sessar, sungar, xingar, zangar*. Dêstes apenas *babatar* (apalpar, tatear) e *sessar* (peneirar) têm uso mais freqüente em camadas populares plebéias e rústicas; os outros são da linguagem popular corrente. Há também inúmeros substantivos e adjetivos com sufixação vernácula sôbre palavras africanas (V. "O Elemento Afro-Negro na Língua Portuguêsa" — Jaques Raimundo — págs. 80 e 84). Para ter-se uma ideia da rica capacidade formativa do nosso povo, no domínio léxico, basta citar alguns casos de palavras de origem americana, incorporadas ao português geral, que receberam variada sufixação portuguêsa. De procedência taína (antilhanismos): de *canoa — canoeiro, canoão, canoínha;* de *batata — batateira, batatinha, batatão, batatona, batateira, batatal;* de *goiaba — goiabada, goiabeira, goiabinha, goiabal, goiabona*. Mexicana: *abacateiro, abacatada, abacatão, abacatinho* — de *abacate; tomateiro, tomatão, tomatinho* — de *tomate;* de *chicote — chicotear, chicotar, chicotão, chicotinho, chicotada; chocolatada, chocolatão, chocolatinho, chocolateira* — de *chocolate*. O último têrmo é, não raro, corrompido pelos incultos em *chicolateira* com a acepção de cafeteira, vaso de fôlha em que se aquece café. De tabaco originam-se: *tabaquear, tabacada, tabacaria, tabaquista, tabaqueira, tabaqueiro*. No Ceará *tabaco* ou *torrado* equivale a rapé, sendo que o primeiro têrmo apresenta, às vêzes, sentido pejorativo, mesmo obsceno. Urena cita a palavra como antilhanismo, acentuando, porém, que "em realidade designava o ato de fumar, não a planta" ("El espanol en Santo Domingo" — pág. 124). Malaret também considera-a indo — antilhana.

Têrmos modernos, procedentes de idiomas cultos, como o inglês,

com sufixação portuguêsa, de uso popular corrente: *brecar* (de *breck* — freio de viaturas, especialmente do automóvel) — manobrar os freios dos veículos, freiar; por extensão — reter, paralizar, suster a ação; *flertar* (de *flirt*) — namoriscar. Citamos ainda de uso mais comum entre os apreciadores do *foot - ball*: *goleiro* (de *goal*) — o mesmo *goal-keeper; driblar* (de *dribl*) — enganar ao adversário, passando com a bola a seu lado, num lance imprevisto e ágil; por extensão — iludir ou enganar sorrateiramente. Ocorre não raro, nasalação da vogal pretônica. Da mesma forma que *brecada*, é usado o substantivo *driblada*, referindo-se ao ato verbal.

Do francês *contrôle* originou-se o verbo *controlar*, de uso geral, com os significados mais correntes de dominar, dirigir, supervisionar; de *derraper* procedem *derrapagem* e *derrapar* — escorregar o automóvel de lado, perdendo a direção. E há outros casos, do mesmo gênero, ainda a citar.

DERIVAÇÃO REGRESSIVA

Exemplos: *sêca* (estiagem prolongada; falta de chuvas — de secar); *fórra* ou *desfôrro* (vingança; desfôrço — de desforrar); *queima* (queima do mato para roçados; liquidação comercial — de queimar); *quebra* (de quebrar; significa também o que é dado a mais numa transação); *refugo* (resto; rebutalho — de refugar); *estrompa* (de estrompar; sujeito violento ou sem delicadeza, sem educação); *pega* (de pegar; luta, contenda); *piso* (de pisar; pisada, rastro; "ganhar o *piso*" — perseguir; rastrear alguém); *enêrvo* (de enervar — cobertura de couro que é amarrada sòlidamente às *prendas* da cangalha e as mantêm prêsas aos arções); *masca* (de mascar — "*masca* de fumo"); *fumega* (de fumegar; rapazinho atrevido em sentido figurado); *buzina* (de buzinar; zoada. gritaria, figuradamente); *enrasca* (de enrascar — encrenca; apertura; situação embaraçosa); *futrica* (de futricar; pilheriar impertinente); *broca* (de brocar; o ato de derrubar o mato a facão e foice, geralmente para o preparo de roçados); *desmancha* (de desmanchar; o mesmo que *farinhada*); *derrama* (de derramar; "*derrama* de sangue", "*derrama* de cedra falsa" ("Cantadores" — 1a. ed. — pág. 373); *entrega* (porção de gado vacum que o vaqueiro tem sob a sua guarda — de entregar); *salga* (de salgar; os jornaleiros de Fortaleza referiam-se com êsse têrmo à sobra, ao que não é vendido, em relação aos seus jornais). Com exceção do primeiro têrmo — *sêca*, de *quebra, queima* e *masca*, que são de uso geral; de *desmancha, broca, entrega, enêrvo*, que pertencem à linguagem rural; as expressões acima citadas acham-se incorporadas à linguagem popular, de cunho plebeu. São considerados, por Jaques Raimundo e outros, *deverbais* de origem africana: *cochilo, sunga, batuque* (Op. cit. — págs. 80 a 84).

PREFIXAÇÃO

Trataremos apenas de algumas formas populares de prefixação *expletiva*, tudo quanto nos pareceu de interessante a propósito. Exs.: *ajuntar, alembrar, alevantar, abastar, abaixar, amostrar, amontar, assoprar, assentar, alimpar, enxarope, desinfeliz*, etc. — formas antiquadas sobreviventes no linguajar plebeu. Há, porém, formas novas, criadas pelo valor formativo do prefixo vernáculo *a*, originado do latim *ad*, o qual não se une ao radical para modificar o sentido dêste e serve principalmente para formar parassintéticos, sendo chamado por Pidal de inexpressivo. (V. "O Linguajar Carioca" — A. Nascentes — págs. 116 e 117). Além daqueles casos referimos: *encalcar, desapear, descontratempo, desinquieto, desinquietação, entrançar, enfincar, entropicar* (tropeçar), *entorido* (tolhido), *esguarnecer, improibir, arripunar* (repugnar), *desapartar*, etc. (V., a propósito, "Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico" — Said Ali — Rio, 1923 — pág. 27). Ainda há a notar influências de um prefixo sôbre outro, confusões prefixais, freqüentes nas camadas incultas. Formas como *desapartar, desinquieto, desinquietar* e outras são usadas na Espanha e em certos países hispano-americanos. (V. "Dicionário de Americanismos" — 2a. ed. — A. Malaret). O mesmo autor cita, como vocábulos *jibaros*, isto é, da fala campônia, em Pôrto-Rico, *abajar, alevantar-se, arrecostar-se*, observando que são formas antiquadas, ocorrentes em obras de Quevedo, Cervantes e Gongora.

PARASSINTÉTICOS

Os casos aqui mencionados são de uso popular com acento plebeu ou rural, não são da linguagem culta habitual. Não raro, os têrmos citados são formações com sentido particular, às vêzes figurado ou metafórico. Exs.: *escorrência* (es-*correr* — ência) — o mesmo que corrimento, escorrimento, usado não raro, de referência a secreção vaginal patológica; *emboloar* (em-*bôlo* ou *bolão*-ar) — formar bolões; *apaidéguado* (a — *pidégua* — ado) — despropositado, enorme; *aloprado* (a — *lorpa* — ado) — descomedido, avantajado, exagerado; *embolar* (em — *bola* — ar) — cair ruidosamente e rolar por terra, em luta corporal; *empapado* (em-*papo*-ado) — enriquecido, abastado; *afamilhado* (a — *família* — ado) — possuidor ou responsável pelo sustento de grande família; *abotoar* (a — *botão* — ar) — aparecer, ir surgindo: *empanado* (em — *pano* — ado) — indivíduo vestido com roupa de casemira ou brim, no sertão; *amocambado* (a — *mocambo* — ado) — vacum cheio de manhas, que gosta de se esconder no mato; *amunhecar* (a — *munheca* — ar) — esmorecer, reconhecer-se vencido; *abotecado, aboticado* (a — *boteco* — ado) — saliente, exorbitante (diz-se do

ôlho); *endefluxado* (en — *defluxo* — ado) — gripado, encatarrado; *desmastrear* (des — *mastro* — ar) — humilhar, decepcionar, contrariar; *enramado* (en — *rama* — ado) — embriagado, alcoolizado. Os têrmos que se seguem invadem mais freqüentemente a linguagem dos cultos, são de uso geral: *estaquear* (es — *taco* — ear) — mutilar, tirar pedacinhos de alguma cousa; *acachapado* (*corr. de acaçapado*: *a* — *caçapo* ado) — humilhado, vencido; de pouca altura ou reduzidas proporções (diz-se, por ex., de um edifício); *acabanado* (a— *cabana* — ado) — com os chifres ou as orelhas inclinadas para baixo (o boi e outros animais, inclusive o homem); diz-se também do chapéu de abas caídas: *agatanhar* (a — *gato* — anhar) — arranhar, ferir com as unhas; relação com *agadanhar*?; *aperuar* (a — *peru* — ar) — apreciar de fora o jôgo ou qualquer outra cousa. *Desadorado* (des — a — *dor* — ado) é um caso em que o prefixo *des* indica aumento, intensidade, e está seguido de uma letra adventícia: *a*. É têrmo de linguagem popular, de acento rural e plebeu. Significa incomodado por dôr violenta, via de regra, mas também se usa como endiabrado, impertinente, excessivo. *Destalar* (des — *talo* — ar) significa arrancar o talo, isto é, a nervura principal ("Jeca-Tatu e Mané Chique-chique" — pág. 75). *Arremediado, remediado* (re — *medio* — ado) é têrmo usado para indicar aquêle que dispõe de meios, isto é, de alguns haveres, recursos para a subsistência. Tem sjgnificação idêntica a de *arrecursado, recursado,* também formação popular, de uso principalmente rural. *Encapada* (en — *capa* — ada) — diz-se em Fortaleza da mulher que não se prostitui pùblicamente, e sim com alguma reserva. Sinônimo de *incubada*. Têrmo de acento irônico ou levemente jocoso. Exemplo de formação parassintética, em que o tema parece proceder diretamente do latim é o verbo *encapotar,* que significa, entre o povo, baixar a cabeça, encalistrar, em sentido translato. Interessante é a formação *encascorar,* que usa o povo com o sentido de criar *casca* ou endurecer. *Avoante* é formada de um prefixo expletivo a — palavra primitiva *vôo* — suf. *ante*. É usado o têrmo mesmo pelos cultos. Refere-se a uma ave, também chamada *pomba — de-bando, ribaçã,* etc. (*Zenaide auriculata,* Des Murs), que aparece em grandes bandos no sertão. *Arretrasado,* que é usual no Ceará entre a plebe, e os semicultos costumam dizer *retrasado,* significa penúltimo. Refere-se geralmente a ano, mês, semna. É alteração fonética de *reatrasado* (de *re,* prefixo latino designativo de repetição — *atrasado,* significando o que ficou para trás). *Atrasado, atrasada,* são de uso freqüente com a acepção de — que já passou, relativamente a ano, mês, semana. Muitas vêzes é confundida essa expressão com o seu derivado. Entre o povo ocorre bastante a aférese: *trasado*. Alguma relação com *transato*? *Desmanivar* é um parassintético em que afixação protuguêsa se exerce sôbre palavra tupi — *maniva*. Têrmo já consignado nos léxicos.

COMPOSIÇÃO

Por *justaposição*. Resultantes da junção de um verbo e substantivo: *caga-fogo* (pirilampo); *arrasta — pé* (baile de ínfima classe); *bate — chinela* (o mesmo sentido da palavra anterior); *quebra — rabicho, arranca — toco* e *aperta — chico* (motim, tumulto, charivari); *espalha — brasas* (indivíduo turbulento, desordeiro); *corta — brocha* (discussão acalorada); *pinicapau* (picapau — aves da fam. Picides); *caga — raiva* (sujeito irritadiço, que se zanga fàcilmente); *mata — cachorro* (soldado de polícia — têrmo depreciativo). Tôdas essas são expressões populares de cunho plebeu. De uso geral, da linguagem popular corrente, são os seguintes: *tira — gôsto* (certos comestíveis que os *bars* e botequins servem com as bebidas); *matapasto* (arbusto da família das Leguminosas Cesalpinióideas — *Cassia bicapsularis* Lin.); *pega — pinto* (refresco que se vende, em Fortaleza, nos botequins e cafés, feito da infusão da raiz da planta de igual nome, usada na medicina popular — *Boerhaavia coccinea* Mill, da fam. das Nictagináceas); *tô — fraco* (*estou — fraco*: galinha d'Angola; formado pelos sons imitativos do canto desta ave doméstica); *papa- capim* (passarinho fringilídeo); *açoita — cavalo* e *acende — candeia* (vegetais); *quebra — pedra* (erva cujas raízes são afamadas em medicina popular, da família das Euforbiáceas — *Phyllanthus lathyroides* H. B. K.); *tapa — ôlho* (bofetão, tapona). De uso acentuadamente rural: *mata — fome* (vegetal da fam. das Sapindáceas); *guarda — peito* (peça da indumentária de couro de vaqueiro); *rasga-mortalha* (certa coruja); *cerca — lorenço* (corr. de *cerca — lourenço* — cêrco); *papa-vento* (nome de um sáurio ou lagarto da região). De uso popular, meio-jocoso, é a expressão *quebra-queixo*: charuto ou cigarro inferior; cerveja muito gelada. Na primeira acepção a intenção do falante é depreciativa, mas, na segunda, indica apreciação. Em *fogo-apagou* (rôla da fam. *Peristeridae*) o substantivo antecede o verbo na combinação. É voz imitativa do canto do pássaro.

Resultantes da junção de *um substantivo com um odjetivo* (o substantivo pode vir antes ou depois do adjetivo): — *maria-preta* (planta frutífera silvestre; pequeno abcesso, furúnculo); *canela-preta, canela-branca* (plantas da família das Lauráceas); *mil-homens* (espécies vegetais, da família das Aristoloquiáceas); *tosse-braba* (coqueluche); *mané-mole* (indivíduo, fraco, tolo, apalermado; planta, cuja raiz é usada pelo povo como emético — "Ensaio Estatístico" — Pompeu — 1º vol.); *maria-mole* (planta herbácea da família das Comelináceas); *cem-passo* (cem passos; medida de superfície usada no interior do Estado) — expressões populares, de cunho rural. *Cabeça-baixa* (eufemismo com que são designados, pelos rústicos, os suinos). *Pirão-frio* (apôdo lançado às cozinheiras pela plebe de Fortaleza). *Bôca-mole* e *saia-rôta* são nomes de pequenos peixes do mar, usados pelos pescadores e tra-

balhadores em currais-de-pesca. *Coisa-feita* é designação vulgar do feitiço preparado com fins maléficos ou anuladores da vontade.
Formados de *um verbo e um advérbio*: *come-longe* (indivíduo pálido, anemiado) — linguagem plebéia e rural. De *um advérbio e um adjetivo*: *bem-casado* (espécie de bôlo) - uso geral. De *uma preposição e um substantivo*: *sem-modo* (sem modos), do qual se derivou *semodagem* (irrequietude mal educada; indisciplina) — linguagem popular corrente; *sem vergonha* (cínico; destituido de pudor, de amor-próprio; também usado pelo povo com intenção lisonjeira, como sinônimo de audaz, empreendedor, "cavador", etc.); *sobrecapa* (peça que cobre o arção das selas sertanejas); *contra-erva* (plantas da família das Moráceas, de emprêgo medicinal, entre o povo). Da *junção de dois verbos*: *puxa-encolhe* (indecisão importuna; impertinência) — uso geral.

De *dois verbos repetidos*: *quebra-quebra* (denominação aplicada pelo povo de Fortaleza às depredações feitas aos estabelecimentos comerciais dos súditos do Eixo — italianos, alemães e japoneses, durante a última guerra); *fecha-fecha* (charivari); *puxa-puxa* (espécie de alféloa). As duas últimas são da linguagem pop. corrente. De *preposição* e *verbo*: *decomer* (*dicumê* — na pron. pop.; comida, refeição; entre os rústicos).

Originados da junção de *um substantivo com uma preposição e outro substantivo*: *colchão-de-noivo* (bôlo muito apreciado) — uso geral; *cavalo-do-cão* (libélula da família Mirmeleontidae; o "Dicionário de Americanismos", de Malaret, regista *caballo del diablo*, no Chile: ortópero de figura estranha e disforme — *Bacunlus phylopus*) — linguagem popular corrente; *unha-de-santo* (coisa que se faz meticulosamente) — linguagem popular corrente; *estrêla-do-mar* (zoófito — Astéria) — uso geral; *pão-de-milho* (cuscuz) — uso pop. cor.; *cabeça-de-negro* (batata-de-purga) — uso geral; *galo-de-campina* (pássaro canoro também conhecido no Ceará por *cabeça vermelha* e *cabeça-de-fita*); *coração-de-negro* (vegetal da fam. das Leguminosas); *casaca-de-couro*. (nome de um pássaro) — uso pop. cor.; *ôlho-de-sogra* (doce muito apreciado e que consiste numa ameixa com saboroso recheio) — uso pop. cor.; *alma-de-lenha* — inseto ortóptero da fam. dos Fasmídeos (Acaraú); *cabeça-de-campo* (vaqueiro-chefe, o que dirige a vaqueijada) — linguagem rural, sertaneja; *barba-de-camarão* (planta de uso medicinal — esp. Strychnos); *orelha-de-onça* (nome de um vegetal); *galo-do-alto* (nome de um peixe do mar); *perna-de-moça* (nome de um peixe); *cu-de-boi* (barulho; encrenca; briga; também se diz, abreviadamente, *cdb*) — uso prop. cor., em tom jocoso; *pé-de-cana* (cachaceiro, bebedor habitual de *cana*, sinônimo popular de aguardente. Firmino Costa refere o têrmo no "Vocabulário Analógico" — pág. 36) — expressão jocosa, de acento plebeu; *papo-de-peru* (planta de uso na medicina popular); *burra-de-padre* (a "mula sem cabeça" da crendice popular) — uso pop. cor.; *agulhão-de-vela* (nome de um peixe do mar);

orelha-de-onça (nome de um vegetal); *dôr-de-corno* (ciumada) — linguagem pop. corrente, em tom irônico ou jocoso; *pé-de-moleque* (bôlo feito de carimã, leite de côco e açúcar) — uso pop. cor.; *pé-de-galinha* (capim muito comum e rugas nos cantos externos dos olhos) — uso pop. cor.; *língua-de-mulata* (espécie de biscoito ou bôlo com o formato de uma língua, feito de farinha de trigo, côco e açúcar) — uso pop. cor.; *língua-de-vaca* (vegetal da família das Compostas); *cu-de-burro* (têrmo usado na Serra de Ibiapaba para desginar pessoa inflexível nos ajustes, de palavra firme, inabalável). Certos nomes de vegetais e animais, em geral peixes, acima citados, não são muito conhecidos entre os citadinos, que nenhuma ligação têm com a agricultura ou a pesca. Aliás — é preciso que se note — neste trabalho citamos apenas alguns exemplos, colhidos ao acaso, dentre a variedade imensa de nomes zoológicos e botânicos que são compostos por justaposição.

Resultante da *junção de um adjetivo com um verbo*: — *Bom-é* (passarinho da fam. *Icteridae;* talvez onomatopaico).

Formada de *verbo, preposição* e *adjetivo* é a expressão *bebe-em-branco*, de uso rural, sertanejo, e aplicada à rês que apresenta a parte inferior da cara tôda branca; de *dois verbos* e *uma conjunção* — *abre-e-fecha* — pássaro Fringilídeo. Composta de *substantivo, preposição* e *adjetivo*: *baião-de-dois* (comida de arroz e feijão, usada pelo povo) — uso popular corrente; de *verbo e adjetivo*: *caga-baixinho* (indivíduo de pequena estatura) — linguagem jocosa ou pejorativa; de *pronome* e verbo: *que-fazer* (ocupação, afazeres) — "Vou já cuidar do meu *que fazer*" ("Cantadores", pág. 85) — linguagem popular de acento plebeu e rústico. A última composição parece ser antiga, tendo-a usado Gil Vicente com acepção idêntica, no "Breve Sumário da História de Deus" (ed. Livraria Clássica Editôra — Lisboa — 1943 — pág. 44).

COMPOSTOS POR AGLUTINAÇÃO

Exs.: *dordolho* (dor-de-olhos; corrompido pela plebe em *dòrdóio* — conjuntivite catarral, muito freqüente nos meios rurais); *paidégua* (pai-de-égua — cavalo não castrado; é também adjetivo e interjeição que exprimem grandeza, excelência, admiração); *papangu* (papa-angu — indivíduo que saía à rua mascarado, pelos dias de Carnaval; personagem do Reisado; indivíduo moleirão ou apalhaçado); *durafogo* (duro-a-fogo — fumo que arde difícilmente; mau pagador — "Cantadores" pág. 374).

Papangu e *dordólho* são de uso geral, mesmo pelos cultos; as outras expressões, aqui citadas, pertencem à linguagem popular, com certo grau de rusticidade, de plebeismo.

HIBRIDISMOS

De tupi e português, por juxtaposição: *cana-capim* (variedade de gramínea), *papa-capim* e *urubu-rei* (nomes de aves) — linguagem popular corrente. De africanismo e português, por aglutinação, o já citado *papangu* (de *papa* — português e *angu* — africanismo). Citem-se ainda: *cangote* (da alteração do português *cogote* sob a influência do vocábulo quimbundo *canga*), têrmo da linguagem popular corrente; *farrambamba* (segundo Jaques Raimundo, de *fa(r)ra*, afrinigerização do português fala e o adjetivo *mbamba* — africano) — têrmo da linguagem popular, de acento plebeu.

FORMAÇÕES DE ORIGEM INCERTA, MAS CONJECTURÁVEL

Chimão — de *chi!* (interjeição) e *mão* (substantivo) — menino que olha insistentemente alguém que se acha a comer ("Sertão Alegre" — Leonardo Mota — glossário final). Uso sertanejo, rural. (V. "Ensaios da Interpretação Lingüística" — F. Seraine — pág. 44, em que procuramos conjecturar, recriando as "situações" ou circunstâncias em que poderia surgir o têrmo, para uma explicação semântica da curiosa formação popular.

Mangusta — de *manga* (subst.) e suf. *usta* — iguaria preparada com manga cozida, leite e açúcar, usada como sobremesa no Cariri. (V. "Dicionário Brasileiro de Folclore" — L. C. Cascudo).

Camburão — pequeno barril chato, às vêzes provido de tampa, para o transporte de líquidos. Em Fortaleza, antes do serviço de esgotos, eram transportadas fezes para o oceano em barriletes dêsse tipo. Em Pernambuco, segundo anota o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa, designam à latrina por *cambrone*, do nome do famigerado general francês. Poder-se-ia supor uma adaptação do sufixo francês ao vernáculo *ão*, com epêntese do *u* no grupo *br*, fato que não é estranho ao nosso linguajar. Em tupi a palavra *cambu* sugnifica pote, tina, cântaro, urna. (V. "Vocabulário Tupi" — Batista de Castro). Alguma relação entre os dois têrmos? Hoje, por extensão, aplica-se o vocábulo a qualquer barril ou ancoreta de idêntico formato ao do *camburão* primitivo, que era ordinàriamente de madeira.

Bundacanasca ou *bundacanástica* — cambalhota, ou antes, brincadeira infantil ou de adolescentes que consiste em dar cambalhotas em um campo ou sôbre a relva. Será formado de *bunda* e *canastro*? (tronco, corpo, segundo referem os léxicos). Frei Domingos e Morais aludem a um jôgo de *canastras*, de quatro pessoas, espécie de exercício de fôrças, certo jôgo de rapazes. Abonam-se ambos os dicionaristas com a citação de um trecho da "Eufrosina" de Jorge Ferreira de Vasconcelos (5.5). Quer suceda a corrução de *canastro* ou de *canastra*, a palavra

seria composta de um africanismo e um têrmo português, portanto, um hibridismo.

Boseira — imundície; em sentido translato é mais usado o têrmo, adquirindo as acepções de reles, sem caráter, sem energia, sem significação (de referência a indivíduo). Cremos que o têrmo cearense nada mais é que uma forma eufêmica de *bosteira* (*bosta —eira*). Teschauer cita com acepção análoga o têrmo *bozerra* ("Apostilas ao Dicionário de Vocábulos Brasileiros" — pág. 29). Anota também *bosteira* como do Rio Grande do Sul. Exemplo do emprêgo no Ceará do têrmo focalizado: "Aquêle sujeito é um *boseira*". Linguagem plebéia, em tom chulo.

Esgulepado — diz-se do indivíduo que traz o colarinho amarfanhado, desabotoado, com a parte superior da camisa desarranjada. Por extensão: descomposto, com as vestes mal cuidadas. Linguagem pop. corr., de acento plebeu e tom grosseiro. Parece-nos alteração de *esgoelado,* talvez a formação primitiva (es-*goela,* güela-*ado*) *Esgargalado* e *esgorjado* são flexões verbais, cujos infinitos regista, entre outros, o Dicionário de Aulete. Assinalamos aqui o uso entre o povo do verbo *esgoelar — esgüelar* com a acepção de gritar, abrir a bôca no mundo.

Labrocheiro — desajeitado; lorpa; descuidado, que trabalha mal. Uso popular corrente, de acento familiar. Derivam dêsse adjetivo as formas populares *labrocheirão, labrocheirona.*

Os léxicos averbam *labroste, labrosta*: o mesmo que lábrego, isto é, rústico, aldeão e, figuradamente, mal criado, que não possui educação Parece o têrmo um derivado dêste vocábulo corrompido na dicção popular. *Labroscas* é usado em Portugal com intenção depreciativa, referido ao aldeão, ao lábrego (V. "O povo e a língua" — In "Mensário das Casas do Povo" — Fev. 1951 — Vasco Botelho do Amaral).

Albardeiro (de *albarda* + eiro) é outro adjetivo usado pelo povo cearense com acepção idêntica, isto é, de desajeitado, que trabalha sem cuidado nem perícia. Ordinàriamente ocorre síncope do *l* na pronúncia popular.

Encalamechar — encaixar; introduzir; empurrar. Tem, ôs vêzes, acepção chula. Fr. Domingos Vieira cita *encalamear* como verbo ativo, abonando-se em uma citação do "Cancioneiro de Rezende" (tomo I, pág. 38), mas não o define. Refere também *encalamento,* com o mesmo significado que dá ao têrmo o "Dicionário Contemporâneo", como derivado de *calar*: penetrar; do latim *cala* cunha + *ar.* O mesmo léxico define *mecha,* como têrmo de marcenaria: a saliência que se deixa numa tábua para encaixar noutra. Naturalmente somos levados a epnsar, em nosso caso, em um cruzamento ou amálgama das duas formas expressivas: *encalar* e *mecha.* De passagem, referimos os casos de *descontramantêlo,* do linguajar rústico, cruzamento de *desmantêlo* e *contratempo,* vocábulos de sentido próximo e que aqui se combinam para maior efeito expressivo; bem assim *cirigüela,* fruto da *Spondias purpurea-ciruela* alterado, na fala popular, por influência de *goela,*

güela, e que é atualmente vocábulo corrente em tôdas as classes sociais no Ceará. (6)

Esbilotado — amalucado; sem juizo. Provàvelmente de *es* (is) + *bolota, bilota* por dissimilação + *ado*. *Bolota* seria derivado de cabeça, juizo, já registado em alguns léxicos. Já temos ouvido em Fortaleza: "F. parece que está sofrendo da *bolota*". Lembramos ainda, no Ceará, o uso do têrmo *bila* para designar uma pequenas bolas com que se joga o gude. Também são chamadas estas de *cabecinha* ou *cabeçulinha*, como ainda o próprio jôgo de gude. "Jôgo de *cabecinha*"; bola de *cabecinha*, "Jôgo de *cabeçulinha*; "bola de *cabeçulinha*". (Observa-se que a pronúncia da vogal *e*, pretônica, é *i*). Eis outro caso, ainda conjecturável de formação popular. A palavra primitiva seria *cabeça*? A conotação semântica exige certa ginástica mental para ser compreendida.

* * *

Segundo observou Urena na linguagem popular dominicana, entre nôs ocorrem certos fatos que, sendo de expressão principalmente morfológica, poderão ser confundidos com puras mutações articulatórias. No campo tematológico encontramos, como no país antilhano: adição de prefixos, notadamente de a e *en* — in (exemplos inúmeros, alguns referidos em estudos de fonética popular como simples casos de prótese); supressão ou adição e dd inicial por confusão entre os prefixos *de* —, *des* —, *es* — e *ex* — (*esbilitado* por debilitado; *estruir* por destruir; *desconjurar* por esconjurar); mudança prefixal em *percurar* — *precurar* (procurar); *proguntar* — *preguntar* (perguntar); *premitir* (permitir); *desbulhar* (debulhar); *deflorar* (desflorar); *resmoer* (remoer); *rescordar* (recordar); *esfraquecer* (enfraquecer). Alguns dos vocábulos referidos, como *estruir, preguntar, premitir* e inúmeros outros que perdeam o *a* inicial na língua moderna culta, são formas arcaicas, obsoletas Citem-se ainda nas camadas incultas ou incultíssimas: — acomodações às desinências *o* e *a* que habitualmente caracterizam os gêneros dos nomes (*ligumo* — legume; *apetito* — apetite; *senvergonho* — senvergo-

6) — Efetivamente, *desmantêlo*, na linguagem plebéia e rural, apresenta os significados de desarranjo, ruina, fracasso; *contratempo* equivale a obstáculo, contrariedade. Cite-se ainda a expressão de uso plebeu *descontratempo*, com sentidos análogos.
Quanto a *cirigüela*, referimos que o "Dicionário de Americanismos", de Malaret (2a. edição) cita várias espécies de *ciruela* em países hispano-americanos, que nada têm a vêr com a *ciruela* da Espanha, a *Prunus domestica*. *Cirgüela* é forma que Malaret assinala em Pôrto-Rico como corruta. ("Vocabulário de Puerto-Rico". S. Juan, 1937 — pág. 38). Urena menciona a mesma forma como arcaismo, lembrando que ela procede naturalmente da Espanha, pois, relativamente ao México, onde é apontada desde o século VI, não poderia ser atribuida à influência indígena, em razão de *nahuatl* carecer de g. Aliás, o mesmo autor informa que *cirgüela* existe atualmente em todo o mundo hispânico (Op. cit.

nha; *cearenso* — cearense; *dengo* — dengue; *rapaizoto* — rapazote; *bebediça* — bebedice; *machaveliça* — maquiavelice); acomodação à terminação *ara* em *caroara* (caroável), corrução de um têrmo antiquado, usual nas camadas incultas ou rurais, sendo de notar que há um brasileirismo *caruara,* com acepções dfierentes. As classes incultas, os rústicos empregam *desconveniente* por inconveniente, *desconhecido* por irreconhecido; *desagradecido* por mal-agradecido, que é da preferência normal culta; *acostar-se* por encostar-se; tôdas essas são formas expressivas obsoletas ou arcaismos, encontráveis em obras de escritores portuguêses da época ante-clássica.

Registamos ainda: *confundas* em vez de profundas, em que parece haver intercorrência do verbo confundir; *distrair* por extrair, de referência a dente, não devendo passar despercebida certa relação semântica entre os dois têrmos; *suspiração* em lugar de respiração, por influência, sem dúvida, do verbo suspirar, etc., etc. (V. Op. cit. — Urena — págs. 157 — 158).

— págs. 83 e 144, respectivamente). Alfredo da Mata em sua "Contribuição ao estudo do vocabulário amazonense" ("Rev. do Hist. e Geog. do Amazonas — Ano VI — nos. 1 e 2) averba *ciruela*: "malpiguiácea cultivada em tôda a Amazônia, do Gênero *Brunchosia*. Frutos comestíveis. Mapati no Peru". Mas Renato Braga, em "Plantas do Nordeste, especialmente do Ceará" (Fortaleza, 1953, pág. 194), regista *ciriguela* como *Spondias purpurea* Linn., da família das Anacardiáceas, dizendo-a originária da América tropical e muito cultivada no México e na América Central, sendo recente a sua introdução no Ceará. Acreditamos, com êsse autor, que o nome vulgar do excelente fruto, no Ceará, seja corrução de *ciruela,* apelido pelo qual é conhecido no mundo de fala espanhola — como já indicamos anteriormente — sob a influência do têrmo *goela-güela*. A sua introdução no Ceará deve ter sido por aclimatação científica e não por via plebéia, para que possamos admitir a procedência direta da forma inculta *cirgüela,* além de que o refôrço dos ditongos que se iniciam por *u* com uma velar, tradicional em espanhol, não é fato registável no português. A nosso ver, os nomes *siri* (de um crustáceo) e *goela* (garganta), freqüentes na linguagem popular, teriam influído na elaboração dessa forma, de uso geral no Ceará, embora por mera associação sensorial, auditiva, independente do valor significativo dos têrmos apontados.